UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

DAYANE VIEIRA DA SILVA ARAGÃO

DO "MILAGRE" À CRISE (1962 – 1998): um estudo acerca do papel do Estado no processo de desenvolvimento sul coreano

Caruaru
2024

DAYANE VIEIRA DA SILVA ARAGÃO

DO "MILAGRE" À CRISE (1962 – 1998): um estudo acerca do papel do Estado no processo de desenvolvimento sul coreano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Economia.

Área de concentração: Economia internacional.

Orientador: Prof. Dr. José Valdecy Guimarães Júnior

Caruaru

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Aragão, Dayane Vieira da Silva.
Do "Milagre" á Crise (1962 - 1998): um estudo acerca do papel do Estado no processo de desenvolvimento sul coreano / Dayane Vieira da Silva Aragão. - Caruaru, 2024.
38 : il., tab.

Orientador(a): José Valdecy Guimarães Júnior
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Ciências Econômicas, 2024.

1. Coreia do Sul. 2. Desenvolvimento econômico. 3. Industrialização tardia. 4. Estado desenvolvimentista. I. Guimarães Júnior, José Valdecy . (Orientação). II. Título.

330 CDD (22.ed.)

DAYANE VIEIRA DA SILVA ARAGÃO

Do "Milagre" à Crise (1962 – 1998): um estudo acerca do papel do Estado no processo de desenvolvimento sul coreano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Economia.

Aprovada em: 28/03/2024

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. José Valdecy Guimarães Júnior (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Atenágoras Oliveira Duarte (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Márcio Miceli Maciel de Sousa (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

O desenvolvimento econômico da Coreia do Sul entre as décadas de 1960 e 1990 foi marcado pela intervenção estatal estratégica e pelo planejamento econômico eficaz. Com a implementação de Planos Quinquenais de Desenvolvimento Econômico, o país promoveu uma industrialização acelerada, diversificando a economia e gerando avanços tecnológicos significativos. Tais políticas foram responsáveis por criar um ambiente propício ao desenvolvimento sustentado, tornando um país essencialmente agrícola em uma das maiores potências tecnológicas da atualidade. Mesmo em meio a adversidades, como os choques do petróleo na década de 1970, e posteriormente a crise financeira asiática de 1997-98, a Coreia do Sul conseguiu manter sua trajetória de crescimento. Este trabalho busca analisar o papel do Estado no processo de desenvolvimento econômico sul coreano através das políticas econômicas industriais implementadas nos Planos Quinquenais de Desenvolvimento. Busca-se ainda apresentar, do ponto de vista heterodoxo, os possíveis fatores causadores da crise financeira de 1997-98. A metodologia utilizada foi a do método histórico dedutivo, utilizando da abordagem qualitativa-quantitativa e baseando-se na pesquisa exploratória descritiva.

Palavras-chave: Coreia do Sul; desenvolvimento econômico; industrialização tardia; estado desenvolvimentista.

ABSTRACT

The economic development of South Korea between the 1960s and 1990s was characterized by strategic state intervention and effective economic planning. With the implementation of Five-Year Economic Development Plans, the country promoted rapid industrialization, diversifying the economy and generating significant technological advances. Such policies were responsible for creating an environment conducive to sustained development, transforming an essentially agricultural country into one of today's greatest technological powers. Despite adversities, such as the oil shocks in the 1970s, and later the Asian financial crisis in 1997-98, South Korea managed to maintain its growth trajectory. This work aims to analyze the role of the State in South Korea's economic development process through the industrial economic policies implemented within the Five-Year Development Plans. It also aims to present, from a heterodox point of view, the possible factors to cause the financial crisis of 1997-98. The methodology used was the deductive historical method, employing a qualitative-quantitative approach based on descriptive exploratory research.

Keywords: South Korea; economic development; late industrialization; developmental state.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 7
2 A ESCOLA DA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO 10
3 O MILAGRE DO RIO HAN E SEUS DESDOBRAMENTOS 13
3.1 OS PLANOS QUINQUENAIS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SEUS RESULTADOS 18
3.2 DÉCADA DE 1990: DA MUDANÇA ESTRUTURAL À CRISE FINANCEIRA 28
3.2.1 Crise de 1997-98: causas heterodoxas 30
4 CONCLUSÃO 34
REFERÊNCIAS 36

1 INTRODUÇÃO

Durante as décadas de 1960 e 1980, a Coreia do Sul experimentou um crescimento econômico acelerado e robusto. Este progresso econômico foi acompanhado por uma modernização significativa de sua indústria e uma presença cada vez mais forte no comércio global a partir dos anos 1970. Essas mudanças resultaram em transformações estruturais profundas, fazendo da Coreia do Sul um modelo de desenvolvimento econômico para outras nações em desenvolvimento. Diferentes vertentes econômicas tentam explicar o rápido desenvolvimento da economia sul coreana. De um lado, pesquisadores ortodoxos tentam explicar o milagre através das forças de mercado e da política voltada para fora; de outro, as explicações heterodoxas ressaltam as ações do Estado como fator central do processo de desenvolvimento. Há uma outra vertente que atrela ao sucesso do desenvolvimento sul coreano o cenário externo favorável.

Este trabalho se baseia exclusivamente na visão heterodoxa do milagre sul coreano, não por desmerecer as demais visões, mas por acreditar que "sem industrialização, adoção de políticas protecionistas, intervenção estatal e redefinição do padrão de inserção externa, não seria possível romper com a histórica armadilha do subdesenvolvimento" (CARDOSO, 2018, p. 19). No cerne desse trabalho está a teoria do desenvolvimento que busca explicar causas e consequências das disparidades econômicas entre as nações desenvolvidas e as subdesenvolvidas, assim como estratégias para promover um desenvolvimento sustentável. Diferentemente do *mainstream*, a teoria em questão coloca o Estado como promotor do desenvolvimento (VALDECY e CASTRO, 2023).

O modelo de desenvolvimento sul coreano iniciou-se a partir da política de substituição de importações, política responsável por pavimentar a estrutura base para o desenvolvimento industrial. Posteriormente, no governo do General Park (1961-1979), adotou-se também a política de industrialização baseada nas exportações (KIM, 1991). Tais estratégias de industrialização, aplicadas simultaneamente, acabaram por gerar um expressivo nível de crescimento nas duas primeiras décadas do processo de desenvolvimento industrial.

Posteriormente, em meados da década de 1980 o país se encaminhava para a liberalização financeira, apesar da intervenção Estatal ainda ser bastante significativa, sendo que os esforços estavam voltados, especialmente durante a década de 1990, para

uma completa liberalização da economia (MASIERO, 2000, p. 15-16). Contudo, ainda havia vestígios do desenvolvimentismo, principalmente nas indústrias de alta tecnologia (CHANG e EVANS, 2000).

É interessante ressaltar a importância da política industrial implementada pelo Estado através dos Planos Quinquenais de Desenvolvimento Econômico (PQDE), uma vez que desempenhou um papel fundamental na estruturação das instituições, impulsionando setores industriais específicos para atingir os resultados estabelecidos.

O objetivo geral deste trabalho é o de examinar o papel do Estado durante o período de desenvolvimento econômico sul coreano (1962-1991) até a crise financeira de 1997-98. Para tanto, busca-se atingir os seguintes objetivos específicos:

1) Estudar o papel central atribuído pela heterodoxia ao Estado no período de ascensão econômica sul coreana;
2) Analisar a contribuição dos Planos Quinquenais de Desenvolvimento Econômico para o avanço industrial e o crescimento da economia;
3) Identificar os possíveis motivos que, segundo a heterodoxia, levaram à crise financeira asiática de 1997-98.

A hipótese que norteia essa pesquisa é a de que o Estado, vis-à-vis o Mercado, foi o protagonista do desenvolvimento econômico da Coreia do Sul. Além do mais, o foco que este trabalho atribui a Coreia do Sul é justificado por três razões, quais sejam: o fato do país ser uma referência no que se refere a superação do subdesenvolvimento e as dificuldades de uma industrialização tardia; o êxito das políticas econômicas executadas pelo Estado; e por fim, pelo rápido e alto nível crescimento alcançado pelo país ao longo de seu processo de industrialização.

O método utilizado para atingir os objetivos dessa pesquisa é o histórico-dedutivo que busca compreender a economia através da observação e análise dos fatos históricos combinados com a complexidade e as mudanças constantes na realidade econômica. Esse método age “generalizando e deduzindo a partir da experiência empírica ou histórica, e não a partir de um pressuposto de racionalidade”. (BRESSER-PEREIRA, 2011, p. 307).

Além do mais, esta pesquisa baseia-se na abordagem qualitativa-quantitativa, unindo a interpretação de informações empíricas à análise de dados numéricos, buscando uma compreensão mais completa do tema. Fazendo-se uso da pesquisa exploratória descritiva, tem-se como intuito, inicialmente, explorar, compreender e

construir hipóteses acerca do tema para em seguida descrever aspectos específicos do mesmo através do uso de dados.

A estrutura deste trabalho está dividida em quatro capítulos. O primeiro deles é a introdução, o subsequente aborda os argumentos dos principais pensadores do desenvolvimento clássico utilizados como embasamento teórico desta pesquisa. O terceiro capítulo apresenta o processo de desenvolvimento da economia sul coreana, terminando com os motivos que levaram à crise financeira de 1997-98. E por fim, o quarto capítulo conclui o estudo realizado nesta pesquisa.

2 A ESCOLA DA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO

Esta pesquisa faz uso de diversos argumentos de diferentes pensadores do desenvolvimentismo clássico para explicar o processo de desenvolvimento e crescimento econômicos, exibidos pela Coreia do Sul entre os anos de 1960 e 1997. Dessa forma, o texto utiliza parte da argumentação dos economistas Paul Rosenstein-Rodan, Ragnar Nurkse, Gunnar Myrdal e por fim, Celso Furtado, como embasamento teórico deste trabalho.

Rosenstein-Rodan destaca o papel crucial da industrialização como mecanismo primordial da promoção do desenvolvimento econômico em nações que se encontram no estágio de subdesenvolvimento. De acordo com o autor, a industrialização possibilitaria que as nações subdesenvolvidas auferissem maiores taxas de crescimento econômico que as verificadas nas nações desenvolvidas, gerando em consequência uma melhor distribuição da renda mundial (ROSENSTEIN-RODAN, 1943).

Apontando dois caminhos diferentes, o primeiro baseado na autossuficiência, denominado “modelo russo”, busca industrializar-se sem o uso de capital externo, o que acabaria por tornar mais lento o processo de industrialização, afetando tanto o consumo da população quanto à sua qualidade de vida, como também a divisão internacional do trabalho, uma vez que seria criado uma unidade independente na economia mundial, afetando por fim, o comércio mundial. O segundo caminho, preferido pelo autor, baseia-se em investimentos ou empréstimos do capital externo, esse caminho possibilitaria que o país se industrializasse de maneira mais rápida, não sacrificando a qualidade de vida e o consumo da população. Ademais, as vantagens advindas da divisão internacional do trabalho seriam preservadas (ROSENSTEIN-RODAN, 1943).

A teoria do *Big Push* de Rosenstein-Rodan sugere que é necessária uma quantidade mínima de investimento para superar as barreiras que impedem o desenvolvimento econômico sustentável, ou seja, para que se alcance o sucesso. A teoria em questão foi desenvolvida no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), ao observar a situação de subdesenvolvimento em partes da Europa Oriental. A argumentação do autor se baseia no fato de que investimentos isolados em uma única indústria ou setor não seriam suficientes para o desenvolvimento de uma economia. Por outro lado, concentrar investimentos em várias indústrias/setores simultaneamente, criaria uma sinergia que acabaria por impulsionar o desenvolvimento econômico (ROSENSTEIN-RODAN, 1961, 1984).

Desta forma, para que tal conjunto de investimentos tenha êxito, há a necessidade da participação ativa do Estado na coordenação e planejamento das ações dos agentes econômicos

como forma de captar um maior nível de investimento internacional, uma vez que depender exclusivamente do mercado poderia levar ao que se chama de “externalidades de coordenação negativas”, causando falhas de mercado, dado que os agentes econômicos podem não ser capazes de coordenar suas ações de forma eficaz sem intervenção externa (ROSENSTEIN-RODAN, 1984).

Ragnar Nurkse, assim como Rosenstein-Rodan, enfatiza a importância da ação do Estado em nações subdesenvolvidas. Em sua teoria do Círculo Vicioso da Pobreza, o autor destaca a importância da participação direta e ativa do Estado em conduzir a captação e direcionamento de investimentos. Ademais, o autor salienta que tal participação pode ser praticada indiretamente, através de incentivos providos pelo Estado à sociedade - em especial aos empresários - como forma de vencer as dificuldades de formação de recursos financeiros (CARDOSO, 2012, 2018).

Na teoria do Círculo Vicioso da Pobreza, Nurkse postulou que a escassez de capital em economias subdesenvolvidas resulta em baixa produtividade, o que, por sua vez, gera níveis de renda e poupança insuficientes para sustentar o investimento necessário para o desenvolvimento da economia. A teoria de Nurkse pode ser compreendida à luz da insuficiência de demanda efetiva, onde a falta de capital impede a capacidade da economia de atingir pleno emprego e maximizar sua produção potencial, criando um equilíbrio de baixa renda e poupança, limitando o investimento e perpetuando a baixa produtividade, em um ciclo auto reforçador (CARDOSO, 2018).

Segundo Nurkse, tal círculo pode ser quebrado através do crescimento equilibrado, onde se injetaria capital em diferentes setores industriais, estimulando a produtividade econômica. Possibilitando, dessa forma, a ampliação do mercado, o uso eficiente de recursos financeiros, e a geração e acumulação de renda e capital, contribuindo diretamente para o desenvolvimento da nação. O autor acredita que o desenvolvimento deve ser iniciado de forma a atender a demanda interna. Uma vez desenvolvido o mercado interno, o nível de produtividade aumentaria, elevando consequentemente a renda e o poder de compra, o que acabaria por contribuir com a expansão do comércio externo. Assim sendo, a estratégia de crescimento deve ser colocada em prática de forma que a nação não se especialize apenas na produção de bens primários, onde certamente se encontram as suas vantagens comparativas (CARDOSO, 2012).

As sugestões de política econômica apresentadas pelos dois pensadores acima podem ser utilizadas como meio de combater os efeitos propulsores fracos explicados por Myrdal em sua teoria da Causação Circular Cumulativa. Tais efeitos, tratam-se de fenômenos que impulsionam o subdesenvolvimento econômico de um país ou região, de maneira que maior o

nível de atraso econômico alcançado, mais fracos tendem a ser esses efeitos propulsores (CARDOSO, 2018). Isso significa dizer que à medida em que um país ou região entra em um processo de subdesenvolvimento, cria-se condições que promovem ainda mais o nível de atraso, o que resulta em um ciclo de subdesenvolvimento auto reforçado.

A Teoria da Causação Circular Cumulativa de Gunnar Myrdal descreve como certos fatores podem interagir e reagir uns aos outros de maneira a perpetuar certas condições econômicas, ressaltando a importância da identificação e compreensão dessas causações (interrelações) entre fatores como forma de superar o subdesenvolvimento através de políticas planejadas. Ademais, o autor reforça a importância da intervenção estatal na promoção do desenvolvimento como forma de fortalecer os efeitos propulsores internos e consequentemente os efeitos propulsores externos, uma vez que deixar a economia subdesenvolvida à mercê das forças de mercado poderia acarretar efeitos regressivos, acentuando as desigualdades internacionais (CARDOSO, 2012, 2018). Em suma, a teoria da causação circular cumulativa de Myrdal enfatiza a importância das interações dinâmicas e complexas entre diferentes aspectos da economia no processo de desenvolvimento de uma nação, destacando a necessidade de abordagens abrangentes e integradas para promover o crescimento econômico sustentável.

A intervenção estatal também é explorada por Furtado como fator importante para o rompimento das barreiras do subdesenvolvimento. O autor aponta a necessidade de modificações na estrutura econômica, aprofundando a industrialização, sendo tais atividades planejadas e implementadas diretamente pelo Estado. As consequências dessas modificações possibilitariam que os avanços alcançados através da estrutura produtiva resultassem em desenvolvimento econômico (CARDOSO, 2018).

As teorias do desenvolvimento econômico acima abordadas oferecem uma visão integrada dos desafios e soluções para alcançar o desenvolvimento de países periféricos. Em conjunto, essas teorias destacam a importância do Estado para a formulação e implementação de políticas públicas integradas que promovam investimentos estratégicos, com o objetivo de estimular o dinamismo industrial e melhorar a distribuição de renda, a fim de superar os desafios e promover um desenvolvimento econômico sustentável.

3 O MILAGRE DO RIO HAN E SEUS DESDOBRAMENTOS

A República da Coreia apresentou altas taxas de crescimento em um pequeno período de tempo. O que antes se baseava em uma economia essencialmente agrícola e intensiva em mão de obra, veio a se transformar em uma das economias mais industrializadas e dinâmicas do mundo.

O rápido crescimento alcançado pelo país tem sido alvo de discussões. De um lado, pesquisadores ortodoxos tentam explicar a ocorrência por meio das forças de mercado e de políticas voltadas para fora, relativizando o papel do Estado. De outro lado, pesquisadores heterodoxos argumentam que este crescimento se fez possível, dado a presença de um Estado desenvolvimentista, que se utilizou, dentre outras coisas, da intervenção estatal em setores estratégicos. Há uma outra via de pensamento que atribui o rápido crescimento ao mercado exterior favorável. Esta acredita que o mercado externo esteve sempre favorável, tornando-se, assim, possível o desenvolvimento da economia coreana.

Conforme abordado acima, a vertente heterodoxa coloca o Estado como variável principal no processo de desenvolvimento sul coreano, atribuindo às ações do Estado desenvolvimentista o sucesso econômico alcançado pela Coreia do Sul. Tal processo foi impulsionado pelos planos quinquenais de desenvolvimento, mas antes de adentrarmos nesta questão, é necessário analisar o ponto de partida da economia sul coreana.

Na década de 1940, durante o período colonial[1], a base para a mudança de um sistema baseado na agricultura de jardinagem para a manufatura já se iniciava. Cha (2008) mostra que entre os anos de 1911 e 1940, a manufatura saiu de uma parcela de 6% do PIB para 28%, enquanto que a agricultura caiu de 76% para 41% do PIB. Logo, para o autor "South Korea grew on the shoulders of the colonial achievement, rather than emerging out of the ashes left by the Korean War, as is sometimes asserted." (CHA, 2008).[2]

A divisão do território coreano gerou países com unidades econômicas divergentes. O território norte da Península coreana, atualmente denominado República Federal Democrática da Coreia, deteve a grande parcela das indústrias pesadas desenvolvidas pelo Japão durante o período colonial, assim como a maioria dos ativos naturais. A parte sul do território ficou com a maior parcela de mão-de-obra e recursos agrícolas (MASIERO, 2000).

---

[1] O período colonial sul coreano teve início em 1910, quando o país foi anexado ao Império Japonês, e perdurou até 1945. Apenas em 15 de agosto de 1948 a Coreia do Sul tornou-se oficialmente um país independente. (FRANCESHI, 2016).

[2] "A Coreia do Sul cresceu sobre os ombros da conquista colonial, em vez de emergir das cinzas deixadas pela Guerra da Coreia, como às vezes se afirma" (CHA, 2008, tradução própria).

Apesar de grande parcela da infraestrutura desenvolvida pelo Japão durante o período colonial, ter vindo a ruir durante a guerra coreana, Koojaroenprasit (2012, p. 10) mostra a importância do Japão no desenvolvimento econômico sul coreano. De acordo com o autor, já no "end of its colonial period, Japan had built extensive infrastructure in roads, railroads, electrical power, government buildings and ports that facilitated the modernization of South Korean economy."[3]

O fim da segunda guerra mundial ocasionou diversas mudanças no país, entre elas a divisão do território coreano em Coreia do Sul e Coreia do Norte. Em 1950, a guerra entre as Coreias eclodiu, estendendo-se até 1953. De um lado, estava a Coreia do Norte apoiada pela Rússia comunista, e do outro a Coreia do Sul, que contou com a ajuda dos Estados Unidos da América. Com o fim da guerra, a Coreia do Sul retomou o seu processo de desenvolvimento, de forma a se tornar uma vitrine capitalista frente a Coreia do Norte comunista (ALBUQUERQUE, 2019; CHA, 2008).

Na década de 1960, a Coreia começou seu processo de *catching-up*, no qual economias em desenvolvimento convergem para o mesmo nível de renda *per capita* de economias desenvolvidas. Dessa forma, a Coreia do Sul buscou se industrializar de maneira rápida e eficiente, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento de economias já industrializadas. Deste modo, a presença de um Estado forte e centralizado[4] foi de suma importância. Para alcançar seus objetivos, o Estado recorreu à política *carrot and stick*[5], que consiste em oferecer incentivos e punições, como principal forma de estímulo. Assim sendo, Amsden (1989, p. 8) aponta que "the state has exercised discipline over subsidy recipients. In exchange for subsidies,

[3] "No final do período colonial, o Japão já havia construído extensas infraestruturas em estradas, ferrovias, energia eléctrica, edifícios governamentais e portos que facilitaram a modernização da economia sul coreana". (KOOJAROENPRASIT, 2012, p. 10, tradução própria).

[4] Apesar dos aspectos negativos inerentes a um governo ditatorial, as políticas econômicas fomentadas e executadas na Coreia do Sul foram fundamentais para transformar a estrutura econômica do país e desenvolver a economia, de forma a torná-la uma potência mundial. O governo do General Park Chung-hee (1961-79), apesar de tratar-se de um regime autoritário, segue os preceitos de um estado desenvolvimentista, à medida em que se tinha como foco promover o desenvolvimento econômico, utilizando-se de políticas adequadas para alcançar tal objetivo. Dessa forma, o Estado agiu de forma ativa no planejamento estratégico, na alocação de recursos e na regulação econômica, de forma a superar obstáculos e a impulsionar o crescimento. Por outro lado, o governo Park também envolveu as empresas privadas no processo de modernização do setor industrial, estabelecendo uma forte relação com as mesmas, em um processo de estímulos fiscais, creditícios e cambiais, a partir da fixação de metas de produção e exportação. Ademais, foram implementadas políticas de investimentos em educação, pois que as mesmas eram vistas como uma variável importante para dinamizar a economia no longo prazo, tanto com o objetivo de formar mão-de-obra interna qualificada quanto para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

[5] Cenoura e bastão.

the state has imposed performance standards on private firms. Subsidies have not been giveaways, but instead have been dispensed on the principle of reciprocity."[6]

Nurkse enfatiza a importância da ação direta e indireta do Estado na captação e direcionamento de recursos financeiro como forma de alcançar o desenvolvimento econômico. Assim sendo é imprescindível que o Estado aja indiretamente através de uma política de incentivos. Ademais o autor deixa claro que, apesar dos países subdesenvolvidos necessitarem da intervenção do estado, não há uma única fórmula na qual as ações do Estado devam se basear. Dessa forma, deve-se levar em consideração as particularidades de cada nação (CARDOSO, 2018).

Com o intuito de estimular o crescimento da economia interna, o governo privilegiou empresas atuantes em setores específicos – os quais serão explorados na subseção seguinte. Esses privilégios se baseavam em uma maior facilidade na compra de moedas externas e na contratação de empréstimos com taxas diferenciadas. O Estado, promoveu, ainda, políticas para desestimular as importações, impondo tarifas nas importações de produtos manufaturados, implementando, dessa forma, uma política de substituição de importações. O Estado buscava, através dessa política, tanto a elevação quanto o desenvolvimento da produção interna, possibilitadas pelas políticas do *learning-by-doing* (aprendizado por meio da prática) e da importação de tecnologia (CHA, 2008).

O processo de substituição de importações implementado na Coreia foi diferente daquele implementado em países da América latina, uma vez que no caso da Coreia havia uma certa proibição quanto a investimentos diretos do capital industrial externo, além de uma restrição na indústria de bens de consumo duráveis, e uma certa dominância por parte das indústrias intensivas em mão-de-obra. Os *chaebols*[7] já se encontravam, nessa época, no ponto de junção entre a iniciativa privada e o Estado, sendo favorecidos pelo Estado de forma a promover o crescimento da produção industrial (ALBUQUERQUE, 2019).

Faz-se necessário destacar a importância da assistência externa que o país recebia, principalmente dos Estados Unidos da América, uma vez que essa assistência viabilizou financeiramente a retomada econômica após a guerra entre as Coreias. Essa assistência abrangia diversas esferas, desde garantias de segurança até assistência técnica. Os objetivos do Estado Coreano, no entanto, eram contrastantes ao dos EUA, dado que o principal objetivo do Estado

---

[6] " o Estado exerceu disciplina sobre os beneficiários de subsídios. Em troca de subsídios, o Estado impôs normas de desempenho às empresas privadas. Os subsídios não foram doações, mas foram disponibilizados sobre o princípio da reciprocidade". (AMSDEN, 1989, p.8, tradução própria).

[7] De acordo com Masiero (2003, p. 18) "chaebols nada mais são do que um grupo de empresas agrupadas e coordenadas por uma holding. A empresa principal, na maioria das vezes, é controlada por uma família".

naquele período era restaurar a indústria manufatureira de forma que gerasse crescimento e combatesse a pobreza, enquanto que os EUA estavam mais preocupados em alcançar uma estabilidade econômica. (KIM, 2019).

A "ajuda" financeira fornecida pelo Estados Unidos da América foi essencial para que o país alcançasse sua independência financeira, como bem aponta Lajčiak (2016, p. 76):

> Based on the Security Supporting Assistance (SSA), USA provided South Korea for 17 years (1954–1970) financial aid of 1,876 billion USD. The early termination of the SSA in 1970 was attributed to Korea´s faster-than-expected achievement of financial independence. Fiscal self-reliance ratio of the Korean government had reached 94 % by 1970 (less than 50 % in 1950) and percentage of tax revenues increased to 75,1 % in 1970.[8]

Em simultâneo com o desenrolar dos acontecimentos acima listados, o Conselho de Desenvolvimento Econômico sul coreano formulava um plano de desenvolvimento de três anos. Este plano visava a diminuição do desemprego, o crescimento do produto interno bruto (PIB) em 5% ao ano e a diminuição da dependência externa. O plano, contudo, nunca foi colocado em prática. Chang Myon, primeiro ministro entre os anos de 1960 e 1961, exigiu do Conselho de Desenvolvimento Econômico a formulação de um novo plano de desenvolvimento, para suplantar o primeiro plano criado, sendo este de cinco anos. Este novo plano, diferentemente do primeiro, atribuía ao investimento público um papel central. O plano de Chang Myon, também não foi colocado em prática, sendo suplantado pelo primeiro plano quinquenal de desenvolvimento (1962-1967), formulado no governo do General Park Chung-Hee[9] (WOLF JR, 1962).

No início da década de 1960 o Estado passou a adotar políticas de desenvolvimento voltadas para fora, ou seja, um desenvolvimento baseado nas exportações. A adoção de tais políticas não implica dizer, como bem aponta Cha (2000) e Westphal (1990), que o processo de substituição de importações foi erradicado. Os interesses do Estado se encontravam tanto em incentivar as exportações como em desenvolver as indústrias nascentes de forma a suprir a demanda interna. Bresser-Pereira, Jabbour e De Paula (2020, p. 211) mostram que: "não há conflito entre desenvolvimento do mercado interno e estratégia de crescimento baseada nas exportações, pois exportações aumentam o emprego, os salários e o consumo interno; ademais,

---

[8] Com base na Assistência de Apoio à Segurança (SSA), os EUA forneceram à Coréia do Sul por 17 anos (1954-1970) ajuda financeira de 1.876 bilhões de dólares. O término antecipado da SSA em 1970 foi atribuído à conquista da independência financeira da Coréia mais rápido do que o esperado. O índice de autossuficiência fiscal do governo coreano atingiu 94% em 1970 (menos de 50% em 1950) e a porcentagem de receitas fiscais aumentou para 75,1% em 1970. (LAJČIAK, 2016, p. 76, tradução própria).

[9] Park Chung-Hee foi o terceiro presidente da Coreia do Sul. O general assumiu o poder, através de um golpe militar, em 1961. Foi eleito presidente do país em 1963 e governou o país até 1979.

estimulam a principal variável de demanda, que é o investimento". Dessa forma o governo promoveu políticas estimulando tanto a produção interna quanto a produção externa.

Como meio de expandir o comércio exterior em nações de industrialização tardia, Nurkse aponta a estratégia do crescimento equilibrado com principal forma de desenvolver o mercado e estimular a inversão de capital, de forma a aumentar a produtividade. Dessa forma, o foco inicial deve se encontrar em desenvolver o mercado interno objetivando elevar a produtividade, resultando no crescimento do comércio externo. Ademais, deve-se diversificar a base industrial ao invés de se manter exclusivamente na produção de sua vantagem comparativa original, ou seja, na produção de bens primários (CARDOSO, 2012).

Em relação ao estímulo à produção para o mercado externo, o Estado tinha como objetivo estabelecer, desenvolver e fortalecer a capacidade autônoma de exportação nacional em diversas indústrias modernas (PIRIE, 2008). Assim sendo, o Estado agiu por meio da exclusão de tarifas alfandegárias nas importações de insumos para produção, possibilitando também o acesso a empréstimos baseado na capacidade exportadora da empresa. Vale ainda ressaltar que a produção voltada para o exterior estava pautada na produção de produtos nos quais o país possuía ou poderia facilmente possuir vantagens comparativas (WESTPHAL, 1990). A política de incentivo às exportações se deu por meio de políticas industriais intensivas em de mão-de-obra e políticas econômicas que buscavam o crescimento (BRESSER-PEREIRA, 2020).

Ao entender como se desenrolou a política orientada para fora, implementada e sustentada pelo Estado coreano, cabe agora entender como foi implementada a política direcionada para dentro. Pirie (2008, p.2) mostra que:

> At the heart of the development project was the concept of national capitalist development. Such development was to be achieved through the active use of state power to promote strategic national industries through the provision of capital and the protection of such industries from the vagaries of global competition.[10]

Assim sendo, visando promover exportações, o Estado instaurou *General Trading Companies*, selecionadas dentre as *chaebols*, essas empresas recebiam benefícios especiais e comandavam todo o *export business*[11].

---

[10] No centro do projeto de desenvolvimento estava o conceito de desenvolvimento capitalista nacional. Tal desenvolvimento seria alcançado através do uso ativo do poder do Estado para promover indústrias nacionais estratégicas por meio do fornecimento de capital e proteção de tais indústrias contra os caprichos da competição global. (PIRIE, 2008, p.2, tradução própria).

[11] A expressão "export business", melhor traduzida como "negócio de exportação", refere-se a empresas que se dedicam principalmente à exportação de produtos ou serviços para outros países. (KOOJAROENPRASIT, 2012).

O Estado agiu apoiando a criação de grandes indústrias e concedendo a estas uma espécie de monopólio temporário, além de facilitar o acesso ao crédito de curto e longo prazo, conceder subsídios e reduzir impostos e tarifas. As indústrias que contavam com um alto nível de demanda interna eram protegidas pelo Estado, tal proteção se deu, inicialmente, por meio de barreiras às importações e, em seguida, por meio da lei de similaridades, em que o consumidor precisaria comprovar que não havia produção no mercado interno para o produto a ser adquirido. O governo também pressionava a indústria nascente, de forma a exportar, direta ou indiretamente, seus excedentes de produção seguindo o preço do mercado externo (WESTPHAL, 1990).

Ao desenvolver essa indústria nascente, o Estado utilizou-se de uma intervenção seletiva, visando moldar os agentes de mercado. Esta intervenção seletiva, realizada pelo Estado sul coreano, está de acordo com o pensamento de Myrdal, segundo o qual depender exclusivamente das forças de mercado acabaria por gerar efeitos regressivos resultando no aumento da desigualdade internacional (Cardoso, 2018).

Esta maneira de intervir foi aplicada, como demonstrada anteriormente, em forma de incentivos baseados no desempenho, logo quão melhor fosse o desempenho da empresa, maior seriam os incentivos vindos do Estado para expandi-las. Ao contrário, as empresas que apresentavam um baixo desempenho sofriam um processo denominado *bankrup*, onde o Estado cortava os recursos dessa empresa e os transferia para outra empresa do mesmo segmento. Vale ainda destacar que, a avaliação de desempenho se dava por meio da produção e da gestão. Esta política, apesar de severa, trouxe resultados positivos, provas do sucesso alcançado são os *chaebols* (WESTPHAL, 1990; AMSDEN, 1989).

3.1 OS PLANOS QUINQUENAIS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SEUS RESULTADOS

Como abordado anteriormente, o processo de desenvolvimento econômico sul coreano foi impulsionado através dos planos quinquenais de desenvolvimento econômico (PQDE), esses planos foram implementados pelo Estado entre os anos de 1962 e 1991 e obtiveram resultados satisfatórios. Myrdal, enfatiza a importância crucial de se estabelecer um plano nacional de desenvolvimento econômico, esse formulado levando em consideração a causação circular – interrelação entre fatores –, de forma a determinar o dinamismo econômico do país, tal plano deve abranger diferentes setores econômicos e sociais, baseando-se na intervenção direta do Estado (CARDOSO, 2018).

Pautados em gerar desenvolvimento, os PQDEs sul coreano incentivaram e modernizaram diversas áreas, de indústrias básicas à pesadas. Houve também implementação de políticas públicas visando desde a autonomia na produção de diversos setores à promoção da substituição de importações em setores estratégicos objetivando atender a demanda interna (LIMA, 2017; MASIERO, 2000). De acordo com Lima (2017, p. 597) “as medidas foram no sentido de alavancar o investimento como variável chave para estimular o crescimento econômico e a transformação estrutural do país”. Fatores presentes na teoria de Rosenstein-Rodan, onde para vencer as barreiras do subdesenvolvimento se faz necessário um alto quantitativo de investimentos simultâneos em diferentes setores da economia, de forma a transformar a estrutura econômica industrial do país (ROSENSTEIN-RODAN, 1984).

O governo do general Park Chung Hee (1961-1979) foi o responsável por iniciar o processo de industrialização do país, tal processo se deu por meio da substituição de importações -especialmente na indústria de bens de consumo não duráveis e nas indústrias intensivas em mão de obra- e da política orientada para fora. É importante ressaltar que o sistema financeiro sul coreano foi nacionalizado no início da década de 1960, o que possibilitou ao Estado total controle sobre o processo de industrialização, fazendo dos *chaebols* dependente da política creditícia e consequentemente do Estado que a implementava e coordenava (IBRAHIM, 2019). Dessa forma, o Estado era responsável, não apenas pela elaboração da política econômica industrial, mas também pelo controle dos capitais externos e internos, assim como do orçamento público.

A estratégia de industrialização implementada no país, especialmente nos anos iniciais da década de 1960, buscava reconstruir a economia nacional através da política de substituição de importações. A política voltada para fora, implementada posteriormente, foi colocada em prática sem abandonar os preceitos seletivos da substituição de importações, principalmente durante a década de 1970, quando o Estado desenvolvia as indústrias pesada e química. Nas duas décadas seguintes a estrutura industrial foi consolidada e a globalização alcançou o país, que por sua vez direcionou seus esforços para indústrias de alto valor agregado, a indústria da informação (MASIERO, 2000).

O primeiro plano quinquenal de desenvolvimento econômico (1962-66) tinha como objetivo central o desenvolvimento econômico sustentável e a erradicação da pobreza. Sendo o ponto de partida para a construção da estrutura industrial sul coreana, os esforços do Estado se encontravam em incentivar a indústria de bens de consumo e de infraestrutura, por meio da substituição de importações. As ações políticas se baseavam, na correção de desequilíbrios estruturais, para tanto o foco estava em desenvolver/incentivar as indústrias de fertilizante,

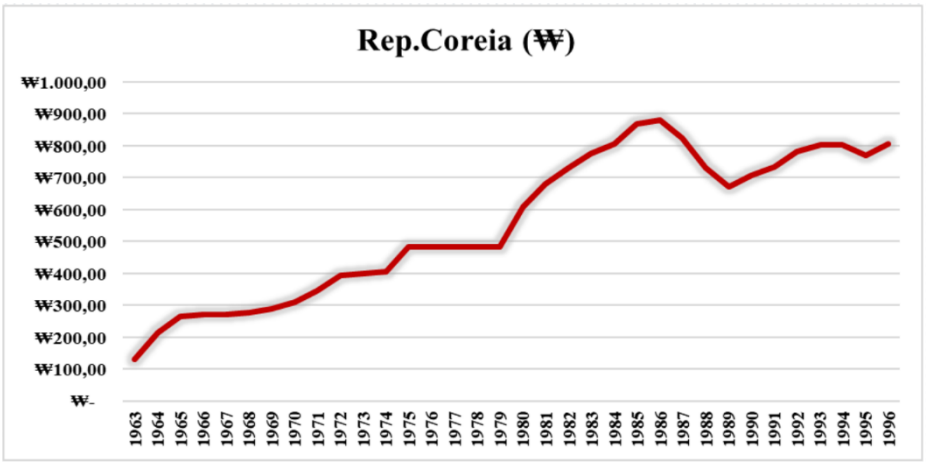
cimento, energia elétrica, fibras sintéticas e refinaria de petróleo (MASIERO, 2000). O setor industrial possui, segundo Furtado, um alto poder germinativo, ou seja, destaca-se como um elemento propulsor do desenvolvimento. No entanto, para que essa capacidade germinativa seja aproveitada, faz-se necessário investimentos em diferentes setores da economia, em outras palavras, como forma de potencializar efeitos de encadeamento positivos, é necessário balancear o desenvolvimento nos diversos setores da economia (CARDOSO, 2018).

O objetivo principal da política industrial se encontrava em aumentar o nível de exportações, para tanto o Estado utilizou da política *carrot and stick* onde o governo tomou para si o papel de gestor do crescimento industrial, no qual fornecia certos benefícios à iniciativa privada em troca de eficiência, criando, dessa forma, uma relação de estratégica entre o Estado e os *chaebols* (IBRAHIM, 2019).

Reformas financeiras foram aplicadas para alcançar os resultados esperados, em 1964 houve a reforma cambial e em 1965 a reforma na taxa de juros. A reforma cambial gerou desvalorização da moeda nacional em termos de dólar estadunidense (gráfico 1), de forma a refletir a paridade do poder de compra no mercado global, e promoveu uma liberalização significativa dos controles de câmbio. Já a reforma de 1965 buscava alinhar a taxa de juros real à taxa de retorno real, incentivar a poupança e por fim, possibilitar uma mudança na distribuição de crédito. Esperava-se que taxas de juros mais elevadas resultassem na diminuição da inflação (KIM, 1991).

Nota-se que o Estado sul coreano se preocupou não apenas na elaboração e implementação dos Planos de desenvolvimento em si, mas em promover reformas para que tais planos fossem executados com êxito. Como bem destacado por Furtado, um dos principais problemas dos países subdesenvolvidos não se encontra na formulação dos planos de desenvolvimento, mas na implementação de estratégias que permitam mudanças na estrutura econômica, dessa forma para que os planos sejam implementados de maneira a obterem êxito, faz-se necessário engendrar reformas de base (CARDOSO, 2018).

Gráfico 1: Paridade de poder de compra: Coreia do Sul (1963 – 1996) - Unidades monetárias em dólar americano



Fonte**:** Elaboração própria com base nos dados da OECD (2023)

É evidente a adoção de políticas de câmbio ativas ao longo do processo de desenvolvimento do país. A desvalorização da moeda sul coreana pode ser apontada como cargo chefe no que se refere à competitividade do país no mercado externo, uma vez que favoreceu o dinamismo exportador do país. Ao longo do período de industrialização, é possível notar, uma tendência geral de desvalorização da moeda nacional frente ao dólar, sendo a década de 1980 o período com o maior nível de desvalorização, contribuindo diretamente para o aumento das exportações e consequentemente o aumento do PIB per capita. Ademais, como apontado por Kim (1991), em conjunção com as desvalorizações regulares da moeda, o Estado ajustava as taxas de incentivo às exportações buscando estabilizá-las em frente a inflação, uma vez que ao ajustar as taxas de incentivo, o governo ajuda a compensar o impacto da inflação mais alta.

Durante o período do primeiro PQDE o país experimentou um rápido desenvolvimento econômico, resultado, principalmente, do aumento das exportações, onde o aumento médio da taxa de exportações de bens e serviços foi de aproximadamente 27,72%, como apresentado na tabela abaixo. Por outro lado, houve também um aumento expressivo do nível de preços (inflação), chegando a um patamar de aproximadamente 29,46% em 1964 e apresentando uma média de 16,31% durante o período.

Tabelo 1: Planos quinquenais de desenvolvimento – Variações Médias: PIB per capita; Exportação de bens e serviços e Inflação

	PIB per capita (%)	Exportação de bens e serviços (%)	Inflação (%)
Primeiro plano quinquenal (1962 – 1966)	5,49%	27,72%	16,31%
Segundo plano quinquenal (1967 – 1971)	9%	31,87%	12,70%
Terceiro plano quinquenal (1972 – 1976)	8,64%	31,71%	15,95%
Quarto plano quinquenal (1977 – 1981)	5,86%	12,83%	18,58%
Quinto plano quinquenal (1982 – 1986)	8,91%	13,48%	3,61%
Sexto plano quinquenal (1987 – 1991)	9,4%	9,75%	6,76%

Fonte: Elaboração própria com base dos dados do World Bank (2023)

O general Park (1961-79) acreditava que a independência e segurança do país dependia de sua autossuficiência em segmentos da indústria pesada (PIRIE, 2008). Dessa forma, o segundo plano (1967-71) buscou modernizar a base industrial do país, incentivando a criação de indústrias de substituição de importações, como é o caso das indústrias químicas, de aço e maquinaria. Durante esse plano a base para o estabelecimento da indústria pesada era foco das ações do Estado, assim como alcançar autonomia no ramo alimentício (MASIERO, 2000). Ademais, buscava-se ainda incentivar as exportações através de grandes financiamentos e benefícios fiscais, além de facilitar a criação de indústrias exportadoras afim de garantir vantagens comparativas nesses setores estratégicos. Como forma de tornar as exportações coreana mais atrativas e dar suporte às indústrias exportadoras, foi adotado o sistema cambial flexível que possibilitou uma sutil desvalorização do won sul coreano em termos do dólar estadunidense (IBRAHIM, 2019).

Medidas de estabilização do nível de preços foram adotadas durante o segundo PQDE em resposta ao aumento da inflação. Essas medidas se baseavam principalmente em reformas fiscais, visando estabilizar os gastos públicos, e reformas financeiras (MASIERO, 2000). Os resultados dessas reformas se mostraram positivos, refletidos na manutenção da inflação em uma média de 12,7%, um valor inferior ao plano anterior. A economia coreana registrou um crescimento médio de aproximadamente 9% no PIB per capita, impulsionado principalmente

pela indústria leve. Além disso, é possível notar ainda, que o nível médio das exportações também apresenta um valor superior ao do período anterior, puxado justamente pelo aumento na exportação de bens intensivos em mão de obra e de baixa tecnologia.

A década de 1960 foi responsável por consolidar o modelo de desenvolvimento econômico utilizado pelo país, baseado na presença de um Estado desenvolvimentista que gerenciou o processo de industrialização. Apesar dos avanços alcançados nos dois primeiro PQDEs, a força industrial sul coreana ainda se encontrava limitada, acentuando a dependência do país por bens externos, principalmente de máquinas, que apesar de serem fabricadas internamente não transmitiam segurança quanto a sua eficácia (LIMA, 2013).

Dessa forma, a década de 1970 foi marcada por mudanças na estrutura industrial, onde foi privilegiado/incentivado o avanço das indústrias pesadas e químicas e orientadas para as exportações (MASIERO, 2000; RUPPERT e BERTELLA, 2018). Tal mudança se deu pois, apesar dos resultados obtidos pelos dois primeiros PQDEs, a estratégia de industrialização voltada para fora gerou desafios, contribuindo para o aparecimento de desequilíbrio setorial entre os dois setores em construção. Ademais, o enfraquecimento das exportações no segmento da indústria básica/leve gerou uma necessidade de diversificação da pauta exportadora (LIMA, 2013).

Segundo Masiero (2000, p. 14) o terceiro PQDE (1972-76) buscou "harmonizar o crescimento, a estabilidade e a igualdade, estabelecer uma economia confiante e o desenvolvimento da propriedade nacional e desenvolvimento regional balanceado." Para tanto, o Estado focou em diversificar a pauta exportadora do país de forma a promover um desenvolvimento mais equilibrado, tendo o desenvolvimento das indústrias pesada e química como prioridades, de forma a alcançar um elevado nível de competitividade no comércio global. É importante destacar que o Estado buscou formar mão de obra especializada e técnica para alcançar tais objetivos (LIMA, 2013).

Tendo o aumento do nível de exportação como objetivo central, o Quarto Plano (1977-81) visava desenvolver indústrias competitivas e estratégicas para atuar no mercado externo, enfatizando, como no plano anterior, as indústrias pesada e química. O plano em questão buscou desenvolver indústrias de alto nível tecnológico e indústrias que não exigiam uma mão de obra super qualificada (construção naval, máquinas e ferramentas e eletrônicos) (MASIERO, 2000).

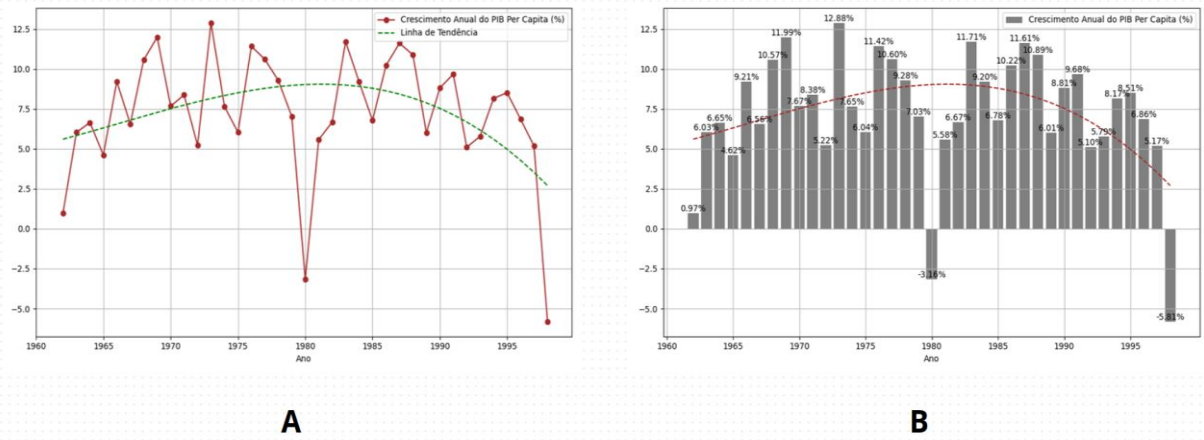
A primeira e segunda crise do petróleo na década de 1970 criaram um cenário de incertezas para o país. A necessidade de recursos externos era expressiva uma vez que o Estado tentava colocar em prática o terceiro PQDE (1972-76), além disso o principal parceiro do país - EUA - não acreditava na viabilidade do plano de desenvolvimento. Os países dependentes de

recursos financeiros do exterior encontravam-se ameaçados; a segunda crise do petróleo (1979) e os altos juros nos Estados Unidos da América, acabaram por gerar, no sistema financeiro, uma contração da liquidez. Apesar das dificuldades ocasionadas pela crise, a política de desenvolvimento sul coreana não foi significativamente afetada, isso se deu em função da relação do país com o Japão, responsável pela concessão de crédito e consumo das exportações coreanas (LIMA, 2017).

O país enfrentou desafios tanto no mercado externo quanto no interno. Com práticas protecionistas se espalhando pelo mundo, juntamente com o período de estagflação causada pela primeira crise do petróleo, a competitividade da indústria sul coreana enfraqueceu, uma vez que passaram a enfrentar uma forte concorrência de outros países em desenvolvimento. Ao longo da década de 1970 a estrutura industrial do país passou por mudanças expressivas, de uma economia baseada na produção de bens primários intensivos em mão de obra, a Coreia tornou-se um grande produtor de bens intensivos em capital. O governo não só obteve sucesso em desenvolver grandes indústrias pesadas, como na década seguinte uma significativa parcela dessas empresas vieram a se tornar protagonistas nas indústrias-chave da Segunda Revolução Industrial (PIRIE, 2008).

Durante os dois PQDEs implementados na década de 1970, é possível notar uma expressiva retração de 59,54% na exportação média entre o terceiro e quarto plano, seguido por um aumento na média de inflação, sendo, durante o quarto plano, o maior nível médio identificado durante todo o processo de desenvolvimento (dados apontados na tabela 1). O nível médio de crescimento do PIB per capita também reduziu, tendo uma retração mais expressiva (19%) durante o quarto plano, mantendo-se em 5,86%. Apesar da retração na média do PIB per capita durante o Quarto Plano, foi observado um expressivo crescimento no PIB per capita (dados expressos no gráfico 2) durante o período de desenvolvimento, especialmente na década de 1970, onde o crescimento médio foi de 8,62%, no qual, apesar do cenário externo desfavorável obteve o maior nível alcançado dentre o período estudado. As décadas de 1980 e 1990 apresentaram um crescimento médio de 7,55% e 6,29% respectivamente, sendo a média dos anos 1990 inferior à da década inicial do processo de desenvolvimento (6,71%).

Gráfico 2: Crescimento percentual do Produto Interno Bruto (PIB) per capita sul coreano (1961 – 1998)



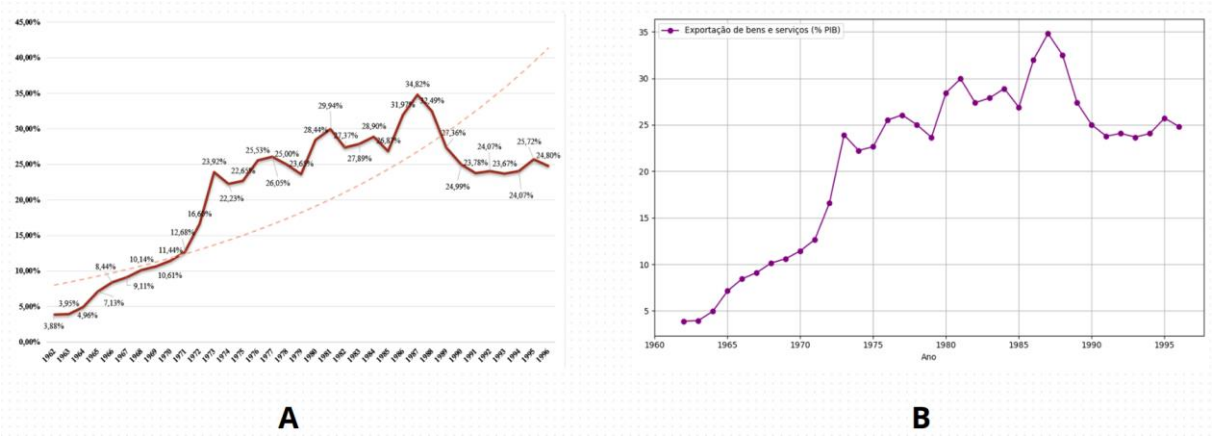
Fonte: World Bank (2022)

Fatores podem ser apontados como causas da diminuição do crescimento nas duas décadas finais do estágio de desenvolvimento, nota-se que em 1980 houve uma queda substancial no indicador de 3,16%, tal retração se deu em função do segundo choque do petróleo. Outra queda significativa ocorreu em função à crise financeira de 1997, apresentando uma retração de 5,81% em 1998, diminuição superior à crise anterior. Ademais, é possível visualizar uma tendência de diminuição a uma taxa crescente, essa possivelmente causada devido a mudança no padrão de desenvolvimento e intervenção estatal ocorrido no período em questão, isso se dá em função a mudança na política econômica industrial, uma vez que a partir da década de 1980 o país se encaminhava para a liberalização econômica e financeira.

No ano final da década de 1970 surgia no horizonte um novo desafio para a economia sul coreana, com o assassinato do General Park o país passou por mudanças em sua estrutura econômica, abrindo espaço para as forças do neoliberalismo adentarem o país (MASIERO, 2000; CHANG e EVANS, 2000). A década de 1980 foi marcada por uma mudança na relação entre o Estado e os *chaebols*, a política de isenção e subsídios acabou por diminuir, tal fato se deu, pois, o país passava por um processo de redemocratização e liberalização política e econômica. Apesar do expressivo nível de endividamento, os *chaebols* já haviam atingido um grau de eficiência tecnológica que lhes permitia manter uma presença ativa no mercado internacional (RUPPERT e BERTELLA, 2018). O crescimento e a diversificação dos grandes conglomerados também não foram afetados, uma vez que essas empresas começaram a atuar em setores intensivos em tecnologia, além de participar ativamente no processo de privatização dos bancos sul coreano nos anos de 1980, tal participação resultou em uma maior atuação dessas empresas no setor financeiro (LIMA, 2017).

Os esforços do Estado em promover a expansão e diversificação das exportações apresentaram resultados positivos, a melhora na pauta exportadora do país e seu sucesso em inserir-se no mercado externo atestam isso. Ao analisar a participação das exportações no PIB (dados apontados no gráfico 3), torna-se claro o crescimento sustentado das exportações como componente do mesmo. Em 1972, ano inicial do terceiro PQDE, a participação das exportações no PIB sai de 12,58% atingindo seu pico em 1987 em um patamar de participação de 34,82%. Se compararmos as duas décadas iniciais do processo de desenvolvimento da economia nacional, nota-se que a participação sai de 3,88% no primeiro plano, para 29,94% no final do segundo PQDE, um aumento bastante expressivo. Apesar da retração média no nível de exportações sul coreana na década de 1970, a participação média das exportações no PIB apresentou um aumento significativo, saindo de 6,49% nos anos 1960 para 20,97%, elevando-se também nas duas décadas seguintes para 29,60% e 27,15%, tal elevação se deu dado à profunda transformação na pauta de exportação do país e na qualidade dos bens exportados, fatores de suma importância na sustentabilidade do elevado nível de crescimento.

Gráfico 3: Coreia do Sul: Exportação de bens e serviços (% do PIB) (1962-96)



Fonte: World Bank (2022)

Mudanças neoliberais foram feitas no país durante o governo de Chun Doo Hwan (1980-88), apesar de ter utilizado dos preceitos do desenvolvimentismo ao desenvolver a indústria de tecnologia da informação, tais mudanças contribuíram para a futura queda do Estado desenvolvimentista. Roh Tae-Woo (1988-92), segundo presidente eleito na década de 1980, promoveu a democratização do país e uma série de liberalizações (CHANG e EVANS, 2000).

Buscando acelerar o crescimento através das exportações, o Quinto Plano Quinquenal (1982-86) se distinguiu dos planos anteriores ao priorizar o desenvolvimento de indústrias intensivas em tecnologia, focando na produção de bens com altas taxas de demanda no mercado

externo, bens de alta tecnologia, como é o caso dos semicondutores. Os objetivos do Sexto PQDE (1987-91) se assemelhavam aos do plano anterior, a política econômica, no entanto, apresentava diferenças contrastantes. Através da liberalização do mercado, o Plano buscou alcançar um alto nível de competitividade no comércio exterior, para tanto o Estado realizou uma série de reformas, desde a liberalização financeira à redução do poder do Estado sobre as empresas (MASIERO, 2000).

Em termos de PIB, os resultados alcançados durante o Quinto e Sexto PQDEs apresentaram uma média superior ao Quarto Plano, tendo o Sexto a maior média de crescimento ao longo do processo de desenvolvimento. No entanto, no que tange ao crescimento médio no nível de exportações, nota-se que embora o mesmo tenha apresentado uma sutil recuperação durante o Quinto Plano em relação ao Quarto, com uma média de 13,48%, tal crescimento sofreu uma retração apresentando uma média de 9,75% no Plano seguinte. Os melhores resultados encontram-se no nível de inflação, tendo os dois Planos o menor nível médio registrado durante a implementação dos PQDEs, 3,61% e 6,76% respectivamente, é possível notar, no entanto, um aumento significativo no indicador no último plano. Pode-se dizer que tais resultados se deram em função das mudanças estruturais que estavam sendo implementadas no país durante a década em questão.

As mudanças na estrutura econômica sul coreana realizadas durante a década de 1980 e na década seguinte, acabaram por resultar na ruína do estado desenvolvimentista e posteriormente na crise de 1997, sendo a política industrial suprimida nos anos finais da década de 1980 e completamente aniquilada nos anos 1990. Apesar de ainda ser possível encontrar vestígios do desenvolvimentismo, principalmente em formato de apoio para pesquisa e desenvolvimento (P&D) em determinadas indústrias de alta tecnologia, durante o mandato de Kim Young Sam (1993-97), em 1995, o estado desenvolvimentista veio a ruir (CHANG e EVANS, 2000).

A presença do Estado como gestor do desenvolvimento fica explícita ao analisar a implementação dos planos quinquenais de desenvolvimento. A estratégia utilizada se baseava na concentração e captação de um alto nível de investimento externo como meio de melhorar a estrutura industrial do país, dessa forma, foi implementada, como já abordado, uma política de desenvolvimento seletiva, onde determinava-se os setores prioritários e fornecia-se apoio às empresas desses ramos. Ademais, a execução dos PQDEs deixa clara a presença de encadeamentos produtivos presente na teoria do *big push* de Rosenstein-Rodan (1984), onde a concentração de investimentos simultâneos em diversos setores econômicos acabaria por impulsionar o desenvolvimento da economia. Estratégia essa utilizada pelo Estado sul coreano

ao promover a industrialização do país. A injeção de capital em diferentes setores industriais permitiu a ampliação do mercado, o uso eficiente de recursos financeiros e a geração e acumulação de renda e capital, responsáveis pelo crescimento equilibrado, através do qual o país conseguiu romper o círculo vicioso da pobreza e alcançar um expressivo nível de desenvolvimento econômico.

3.2 DÉCADA DE 1990: DA MUDANÇA ESTRUTURAL À CRISE FINANCEIRA

A década de 1990 foi um período de transformação e desafios para a economia coreana. Visando a abertura financeira, com o intuito de obter acesso direto ao crédito proveniente do exterior, os *chaebols* passaram a pressionar o Estado para uma possível liberalização. Já nos anos iniciais da década de 1990, o governo promoveu a desregulamentação financeira, buscando um aumento na competitividade e consequentemente uma melhoria na eficiência do mercado financeiro (LEE; LEE; LEE, 2002). Desta forma, o então presidente Kim Young Sam (1993 – 1998) instaurou uma nova política econômica, denominada *segyehwa*, tal política buscava alcançar competitividade no mercado mundial e tornar a economia coreana eficiente, autônoma e liberalizada. (MASIERO, 2003).

Em seguida, adotaram-se medidas em direção à liberalização das contas de capitais. A desregulamentação financeira resultou em uma quantidade crescente de *Merchant banks*, sendo muitos destes controlados pelos *chaebols.*[12] Logo, a "deregulation of entry restrictions did not result in the hoped-for improvement in efficiency in financial markets but instead in an increased control of NBFIs by chaebols."[13] (LEE; LEE; LEE, 2002, p. 13).

Os esforços do Estado se encontravam em diminuir o controle do governo, através de reformas nos mais diversos setores da economia, buscando aumentar a competitividade do país de modo que alcançasse o nível dos países desenvolvidos, para tanto buscou-se aumentar o crescimento econômico, melhorar a qualidade de vida da população e expandir a presença das indústrias nacionais no mercado externo por meio do marketing (MASIERO, 2000).

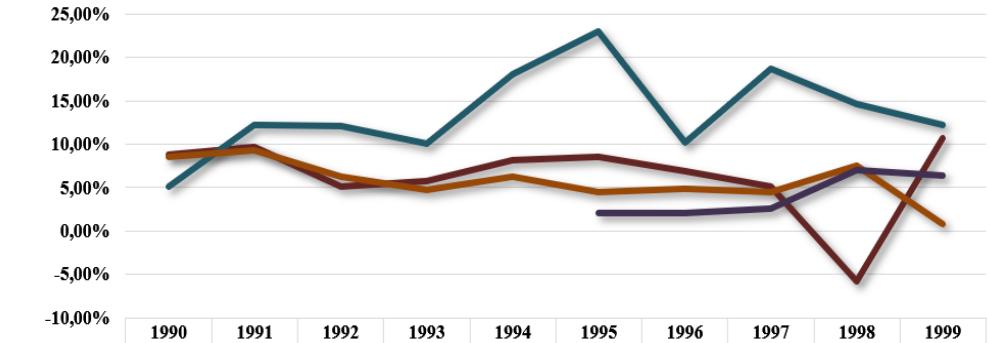
Apesar da década de 1990 ter sido abalada pela crise financeira asiática de 1997-98, nota-se que a Coreia do Sul consegue manter bons níveis na maior parte dos indicadores

[12] Boa parte dos *Merchant banks* que surgiram com a desregulamentação financeira, costumavam ser empresas financeiras de pequenos investimentos denominadas *dan-ja-hoi-sa*. Tais empresas pertenciam à *Chaebols* e passaram apenas por uma mudança na nomenclatura. (LEE; LEE; LEE, 2002).

[13] A desregulamentação das restrições de entrada não resultou na melhoria esperada na eficiência dos mercados financeiros, mas sim em um maior controle das Instituições financeiras não bancárias pelos chaebols. (LEE; LEE; LEE, 2002, p. 13, tradução própria).

apresentados no gráfico 4. O PIB per capita, apesar da redução elevada presenciada em 1998 (5,81%), apresentou uma taxa de crescimento médio de 6,29%, embora seja a menor taxa média em comparação às décadas anteriores, o valor se mostra expressivo, uma vez que ao levar em consideração os acontecimentos presenciados ao longo da década, tal nível de crescimento indica que a produção do país, mesmo em meio a um cenário incerto, aumentou.

Gráfico 4: Crescimento percentual: PIB per capita, exportações, inflação e desemprego (década de 1990)



	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
PIB per capita	8,81%	9,68%	5,10%	5,79%	8,17%	8,51%	6,86%	5,17%	-5,81%	10,67%
Exportações de bens e serviços	5,09%	12,22%	12,12%	10,06%	18,10%	22,96%	10,19%	18,71%	14,56%	12,27%
Inflação	8,57%	9,33%	6,21%	4,80%	6,27%	4,48%	4,92%	4,44%	7,51%	0,81%
Desemprego						2,06%	2,05%	2,61%	6,96%	6,34%

Fonte: World Bank (2022)

Os dados expostos no gráfico acima mostram que o índice de preços, apesar de apresentar níveis elevados - exceto em 1999, onde cresceu menos de 1% - apresentou o menor nível médio de todo o período estudado (aproximadamente 5,73%). Ao analisar o crescimento das exportações é possível perceber um crescimento médio de aproximadamente 13,62% ao longo da década de 1990, apresentando uma singela melhora se comparado com a década anterior (12,12%), é possível visualizar ainda que apesar da crise financeira o nível de exportações não apresentou uma queda expressiva, pode-se dizer que tal resultado se dá em função da desvalorização da moeda nacional frente ao dólar (dados expressos no gráfico 1). O nível de desemprego, no entanto, apresentou um aumento bastante significativo, chegando a um patamar de 6,96% em 1998, quando a economia coreana sentia o peso da crise, o aumento no indicador em questão se deu em função, à quantidade de empresas que faliram durante o período de crise devido ao alto nível de endividamento.

A década de 1990 foi marcada por mudanças estruturais trazidas pela liberalização financeira. Após o rápido crescimento e a industrialização nas décadas anteriores, o país enfrentou a crise financeira asiática de 1997-98, que exigiu reformas estruturais e ajustes

macroeconômicos. As reformas implementadas durante os anos 1990 pavimentaram o caminho para um posterior crescimento econômico sustentável e para a ascensão da Coreia do Sul como uma das principais potências econômicas do mundo no século XXI.

3.2.1 Crise de 1997-98: causas heterodoxas

Na subseção 3.1 foi demonstrado como se deu o "milagre" sul coreano, que apesar de seus resultados expressivos, teve seu fim em dezembro de 1997 a medida em que a economia do país foi abalada pela crise financeira asiática. A crise abalou expressivamente a economia, apresentando uma queda de 5,81% no PIB per capita em 1998, no entanto, a economia já mostrava sinais de recuperação no ano seguinte com uma taxa de crescimento acima de 10%. Pirie (2008, p. 1) aponta que: "The crisis did not mark the demise of Korea as a centre of capitalist accumulation; it did, however, mark the end of the era of state-led capitalist development."[14]

Causas internas e externas podem ser apontadas como precursoras da crise, diversos autores atribuem a estas diferentes níveis de importância. Para começarmos a entender como a crise se iniciou e seus sutis sinais, é necessário iniciar nossa análise no ano de 1996. Segundo Lee (2011) três aspectos podem ser interpretados como sinais primordiais da crise financeira de 1997: o ponto de contração cíclica no qual a economia sul coreana se encontrava; a liberalização econômico financeira e a fragilidade estrutural econômica. Abaixo será demonstrado como esses três aspectos afetaram a economia, de forma a pavimentar o caminho para o colapso causado pela crise.

Baseando-se na teoria dos ciclos econômicos, Lee (2011) aponta que já na segunda metade de 1995 a economia coreana se encontrava no ponto de contração cíclica, em vista disso, já no início de 1996, as empresas vivenciavam quedas nas vendas e nos lucros. Os preços da produção das indústrias estratégicas estavam em queda, sendo a mais afetada dentre estas, a indústria de semicondutores. O preço unitário das exportações e importações também caíram, a primeira apresentando uma queda mais acentuada, em torno de 13%. Outro fator responsável por afetar as exportações coreanas, segundo o autor, foi a desvalorização do iene japonês em relação ao dólar americano. Segundo o autor, esse fator tornou as exportações japonesas mais

[14] "A crise não marcou o fim da Coreia como centro de acumulação capitalista; no entanto, marcou o fim da era do desenvolvimento capitalista liderado pelo Estado." (PIRIE, 2008, p. 1, tradução própria).

atrativas, e consequentemente os exportadores japoneses passaram a ter maiores vantagens competitivas em termos de preço.

Apesar das incertezas internas e externas causadas por uma possível liberalização econômica na década de 1990, o país se encontrava pressionado a abrir sua economia, em especial nos setores agrícola e financeiro. As pressões se intensificaram em 1993, quando o Uruguai finalizou seu processo de liberalização econômica. Em 1996 ficava claro que a economia se encaminharia de vez à abertura financeira, uma vez que o país se juntou à OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) (LEE, 2011). Apesar de ter permitido uma alta captação em moeda estrangeira no curto prazo, a liberalização financeira gerou especulação o que contribuiu para a criação de uma bolha no mercado de ativos financeiros. (GUIMARÃES, 2010). Tal resultado se deu pois,

> the financial sector liberalization and other major economic reform measures were not accompanied by efforts to establish sound financial supervision and prudential regulations, as well as other institutional arrangements capable of facilitating market liberalization in a safe and sound manner. (LEE, 2011, p. 2).[15]

Apontada como um dos sinais iniciais da crise de 1997, a liberalização financeira trouxe à tona um outro aspecto a ser apontado como causa da crise, a herança deixada pelo modelo de industrialização utilizado pelo Estado coreano em sua busca pelo desenvolvimento. Kim (2000) aponta que a herança deixada pela estratégia de industrialização utilizada pelo Estado desenvolvimentista gerou distorções e desequilíbrios estruturais. A estratégia em questão, como tratado no capítulo 3 e na subseção 3.1, se baseava em promover exportações, para tanto, o Estado financiou através de empréstimos e subsídios, empresas em ramos estratégicos.

Essa intervenção estatal seletiva acabou por acarretar um problema de risco moral, uma vez que os bancos comerciais, responsáveis por garantir os empréstimos aos *chaebols*, não examinavam de forma adequada os pedidos de empréstimos, não levando em consideração o fator de risco de certos empreendimentos, o que resultou no aumento da dívida externa e endividamento dos *chaebols*. De modo geral, a estratégia de industrialização colocada em prática, apesar de ter gerado um rápido crescimento industrial, causou instabilidade financeira e deixou a economia coreana vulnerável a choques externos (KIM, 2000).

Se faz importante destacar que, a essa herança deixada pelo Estado refere-se ao fato dos grandes conglomerados de empresas familiares (chaebols) terem se habituado aos empréstimos

[15] [...] a liberalização financeira e outras grandes reformas econômicas não foram acompanhadas de esforços para que fosse estabelecida uma supervisão financeira sólida e regulamentação prudencial, bem como outros arranjos institucionais capazes de facilitar a liberalização do mercado de maneira segura e sólida. (LEE, 2011, p. 2, tradução própria).

fornecidos pelo Estado, não se referindo, dessa forma à política de industrialização em si, mas as ações dos Chaebols e dos bancos, em especial os merchant banks, ao adquirir e fornecer empréstimos. A crítica do autor consiste no fato de que o Estado não se mostrou completamente eficaz em sua forma de fornecer empréstimos, deixando os chaebols habituados a adquirir empréstimos facilmente não levando em consideração a rentabilidade ou o risco de seus investimentos. E com a liberalização financeira em 1996, os bancos, especialmente os mercantis, não se mostraram suficientemente eficazes em regular e analisar, levando-os a investir em certos empreendimentos apesar dos altos riscos.

Para Ubide e Baliño (1999) o problema do risco moral também se deu por conta da política de desenvolvimento utilizada pelo governo, os autores acreditam que, apesar do país está passando pelo processo de liberalização financeira e a intervenção estatal ter diminuído de forma expressiva, o fato da política do Estado financiar empresas emergentes e não dar devida atenção ao risco de seus investimentos, resultou em bancos com competência diminuta ao que se refere à gestão de risco e análise creditícia. Desta forma, a falta de experiência, especialmente dos bancos mercantis, em gerenciar riscos e atuar no sistema bancário internacional juntamente com o problema do risco moral, levou os bancos a investirem de forma imprudente.

Apenas em 1997 foram adotadas medidas prudenciais, sendo estas limitadas aos bancos comerciais, que por sua vez, desestimulados pela situação econômico financeira do país, não agiram de imediato buscando melhorar seu estado de solvência. Sem a ajuda financeira do Estado, com dívidas expressivas e lucros em declínio, vários *chaebols* colapsaram, passando pelo processo de *bankruptcy*, citado no capítulo anterior (UBIDE e BALIÑO, 1999).

Kim (2000) destaca que embora fatores externos e internos tenham criado um ambiente propício à crise, um fator se destaca por ter tido uma contribuição direta, o governo de Yong-sam Kim (1992 – 1997). De acordo com o autor o governante errou em promover a liberalização financeira e não promover as mudanças estruturais necessárias para acompanhar tal modificação[16]. A importância de mudanças estruturais para o desenvolvimento de uma nação é enfatizada por Furtado. De acordo com ele, a ausência de modificação na estrutura econômica faz com que a economia cresça sem se desenvolver (CARDOSO, 2018).

A vista disso, chegamos ao terceiro fator apontado por Lee (2011), o estado de fraqueza estrutural no qual a economia coreana se encontrava, o autor aponta duas características que se sobressaem, os altos custos e a baixa eficiência. A fase de contração cíclica, na qual a economia coreana se encontra, explica parcialmente a questão da ineficiência. Kim (2000) aponta que a

[16] Para maiores informações sobre o governo de Yong-sam Kim, ler Kim (2000).

raiz dos problemas estruturais se encontram na relação de cliente (*chaebols*) e empresa (Estado), herdada da política industrial colocada em prática. Ademais, tem-se a insegurança quanto a eleição presidencial em 1997, que afetou ainda mais drasticamente a capacidade produtiva das empresas e causou aumento dos custos.

A crise financeira asiática teve um impacto significativo na economia sul coreana causando, desvalorização da moeda nacional, falência de diversos conglomerados, aumento significativo na dívida externa, aumento da taxa de desemprego, dentre outras coisas. Diante do cenário econômico no qual o país se encontrava, só resta ao Estado, segundo apontou Cho (1998, p. 17), "[...] perform two tasks: (i) resolve financial sector problems, i.e., clean up losses already incurred; and (ii) reduce the structural problems [...] as well as establish new rules and institutions to prevent further deterioration of the corporate environment."[17]

[17] "[...] deve realizar duas tarefas: (i) resolver problemas do setor financeiro, ou seja, limpar as perdas já incorridas; e (ii) reduzir os problemas estruturais [...] bem como estabelecer novas regras e instituições para prevenir a deterioração adicional do ambiente corporativo." (CHO, 1998, p. 17, tradução própria).

4 CONCLUSÃO

Este trabalho se baseia na argumentação heterodoxa do papel central do Estado como promotor do desenvolvimento, não se nega a importância do mercado externo favorável, mas não atribui a esse os louros do sucesso sul coreano. Uma vez que a oportunidade *per se* não geraria o efeito em questão, caso não houvesse intervenções de políticas econômicas por parte do Estado. Desta forma, como bem apontou Cha (2008), o sucesso sul coreano mostra a importância de instituições, em especial o Estado, como promotor do crescimento econômico. O Estado coreano atuou como agente planejador, indutor e regulador do crescimento, selecionando indústrias estratégicas, concedendo subsídios, créditos, tarifas e outros incentivos, e impondo metas de desempenho e qualidade às empresas privadas, como forma de promover crescimento e desenvolvimento econômico sustentáveis.

A República da Coreia iniciou o seu processo de desenvolvimento apoiando-se na política de substituição de importações. Nos anos finais da década de 1950, com parte da demanda doméstica inicial por bens substituíveis suprida, o país se encontrava em um cenário desafiador, com um quantitativo de reservas cambiais insuficientes, reserva essas necessária para adquirir tecnologias estrangeiras e bens de capital, fez-se necessária uma mudança na política de desenvolvimento, uma vez que se tornara inviável desenvolver-se exclusivamente através da política de substituição de importações. A partir disso, Park Chung Hee - presidente da Coreia entre os anos de 1961 e 1979 - optou por desenvolver uma forte base industrial com o intuito de produzir para a exportação sem, no entanto, abandonar os preceitos da política de substituição de importações, típicas das formulações da escola denominada Teoria do Desenvolvimento.

A política de desenvolvimento econômico industrial sul coreana pode ser dividida em três fases, de acordo com a mudança de foco das indústrias alvo. Na primeira fase (1962-1971), os esforços do Estado se encontravam em estimular desde as indústrias de infraestrutura e de bens de consumo à indústria pesada. Tais indústrias além de pavimentar o caminho para o sucesso do processo de industrialização geraram encadeamentos produtivos. Estes resultados são refletidos nos indicadores de crescimento das exportações e PIB *per capita* apresentados nos gráficos 2 e 3 da subseção 3.1.

Na segunda fase (1972-1981), o esforço do Governo se encontrava em desenvolver indústrias que atuassem de forma cada vez mais ativa no mercado externo, via aumento da diversificação da pauta de produção. Dessa forma, o foco estava em promover indústrias pesadas e químicas, além de indústrias de alto nível tecnológico. Essas indústrias requeriam um

maior investimento de capital, tecnologia e infraestrutura, além de uma mão de obra mais qualificada. Apesar das adversidades enfrentadas durante essa segunda fase os resultados não deixaram de ser satisfatórios.

Na terceira fase (1982-1996), apesar da tendência mundial orientada por mudanças na direção da liberalização econômica, o Estado passou a apoiar as indústrias de alta tecnologia, indústrias essas que demandavam um maior investimento em pesquisa e desenvolvimento, inovação e qualificação da mão de obra, e buscavam elevar o padrão tecnológico e a qualidade das exportações coreanas.

Observa-se que ao longo de todo esse período de forte dinamização da economia sul coreana (1962-1998), o Estado se posicionou no centro do processo, agindo através do planejamento e implementação de políticas de industrialização, orientadas simultaneamente, tanto para o mercado interno, através da substituição de importações, quanto para o externo, promovendo as exportações. Neste sentido, o Estado foi capaz de transformar uma economia que era essencialmente agrária em uma das maiores economias industriais do mundo, em poucas décadas. Negar o papel central desempenhado por essa entidade na promoção de indústrias estratégicas, na facilitação do acesso a tecnologias estrangeiras e na implementação de reformas econômicas responsáveis pelo sucesso econômico seria o equivalente a negar a realidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. B. **Coreia do sul na década de 1950**: mudança estrutural e início da política desenvolvimentista. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30. Recife: ANPUH-Brasil, 2019.

AMSDEN, A. H. **Asia's next giant**: South Korea and late industrialization. 18. ed. Nova York: Oxford University Press, 1989.

BRESSER-PEREIRA, L. C.; JABBOUR, E.; DE PAULA, L. F. Coreia do Sul, China e o processo de catching-up: uma análise novo-desenvolvimentista. **Princípios**, v. 39, n. 159, p. 206-235, jul. – out. 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Uma escola de pensamento keynesiano-estruturalista no Brasil?. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 31, p. 305-314, 2011.

CARDOSO, F. G. **A armadilha do subdesenvolvimento: uma discussão do período desenvolvimentista brasileiro sob a ótica da Abordagem da Complexidade**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CARDOSO, F. G. **Nove clássicos do desenvolvimento econômico**. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2018.

CARDOSO, F. G. O círculo vicioso da pobreza e a causação circular cumulativa: retomando as contribuições de Nurkse e Myrdal. **Informações Fipe**, v. 383, p. 13-18, 2012.

CHA, M. S. **The Economic History of Korea**. EH.Net Encyclopedia, 2008. Disponível em: http://eh.net/encyclopedia/the-economic-history-of-korea/ Acesso em: 20 de mar. de 2022.

CHANG, H. J.; EVANS, P. **The role of institutions in economic change**. Trabalho apresentado na Conferência "The Other Canon and Economic Development", Oslo, Norway, August 14-15th, 2000.

CHO, Y. J. The Financial Crisis in Korea: Causes and Challenges. **ADB Bank**, 1998.

FRANCESCHI, V. B. de. **Economia internacional e desenvolvimentismo na Coréia do Sul (1961-1991)**. 2016. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GUIMARÃES, A. Q. Estado e economia na Coreia do Sul – do estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior. **Revista de Economia Política**. v. 30, nº 1 (117), p. 45-62, janeiro-março. 2010.

IBRAHIM, H. C. A política industrial na Coreia do Sul e no Brasil durante o paradigma tecnológico da microeletrônica. Cadernos de Campo: **Revista de Ciências Sociais**, [s.l.], n. 27, 2019. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/13135. Acesso em: 08 jan. 2024.

JÚNIOR, J. V. G.; CASTRO, J. C. D. UMA DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA A ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA E DA DINÂMICA DA CONCORRÊNCIA, A PARTIR DO ARCABOUÇO BASEADO NAS TEORIAS KALDORIANA, DO DESENVOLVIMENTO E EVOLUCIONÁRIA DA FIRMA... In: Anais do VII Encontro Nacional de Economia Industrial e Inovação (ENEI). Anais...Porto Alegre (RS): ABEIN, 2023. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/vii-enei/643219-UMA-DISCUSSAO-TEORICO-METODOLOGICA-PARA-A-ANALISE-DA-EVOLUCAO-DA-INDUSTRIA-E-DA-DINAMICA-DA-CONCORRENCIA-A-PARTI. Acesso em: 27 jan. 2024.

KIM, C. K. **Economic Development of Korea**. World Scientific Publishing Co. Pte. Ltd., 2019.

KIM, K. S. **The 1997 financial crisis and governance:** the case of south Korea. Kellogg Institute, Working Paper 272, março de 2000.

KIM, K. S. **The Korean miracle (1962-1980) revisited:** myths and realities in strategy and development. Notre Dame, IN: Helen Kellogg Institute for International Studies, University of Notre Dame, 1991.

KOOJAROENPRASIT, S. The impact of foreign direct investment on economic growth: A case study of South Korea. **International Journal of Business and Social Science**, v. 3, n. 21, 2012.

LAJČIAK, M. South Korean Development Model. **Journal of International Analytics**. Moscou, v.1, n. 3, p. 74-84, set. 2016.

LEE, C. H.; LEE, K.; LEE, K. **Chaebols, Financial Liberalization, and Economic Crisis:** Transformatios of Quasi-Internal Organization in Korea. 2002.

LEE, K. S. **The Korean financial crisis of 1997:** onset, turnaround, and thereafter. World Bank, 2011.

LIMA, U. M. **Desenvolvimento capitalista e inserção externa na Coréia do Sul:** a economia política da diversificação industrial e do comércio exterior de bens de capital (1974-1989). 2013. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
LIMA, U. M. O debate sobre o processo de desenvolvimento econômico da Coreia do Sul: uma linha alternativa de interpretação. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 26, nº 3, dez. 2017.

MASIERO, G. **A Economia coreana**: Características Estruturais. 2000. Disponível em: http://www4.pucsp.br/geap/artigos/art6.PDF. Acesso em: 23 abr. de 2022.

MASIERO, G. As lições da Coréia do Sul. **RAE-EXECUTIVO**, v. 1, n. 2, p. 17-21, 2003.
OECD. Exchange rates, 2023. Disponível em: https://data.oecd.org/conversion/exchange-rates.htm. Acesso em: 18 nov. de 2023.

PIRIE, I. **The Korean developmental state:** From dirigisme to neo-liberalism. Routledge, 2008.

ROSENSTEIN-RODAN, P. N. Notes on the theory of the ‘big push’. In: **Economic Development for Latin America**: proceedings of a conference held by the International Economic Association. London: Palgrave Macmillan UK, 1961. p. 57-81.

ROSENSTEIN-RODAN, P. N. Problems of Industrialisation of Eastern and South-Eastern Europe. **The Economic Journal**, London, v. 53, n. 210/211, p. 202-211, June/Sept. 1943. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/2226317. Acesso em: 06 jan. 2024.

ROSENSTEIN-RODAN, P. N.; AVRAMOVIC, D. Natura Facit Saltum: Analysis of the Disequilibrium Growth Process. **Pioneers in Development**. New York: Oxford University Press, 1984. p. 205-221.

RUPPERT, L.; BERTELLA, M. A. A internacionalização das empresas sul-coreanas e o papel do Estado. **Revista de Economia Contemporânea**, [s.l.], v. 22, n. 2, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rec/a/sBSQb7NXcpPmpqRFSmgCgrq/. Acesso em: 08 jan. 2024.

The World Bank, c2020. World Development Indicators. Disponível em: https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&country=KOR. Acesso em: 21 de out. de 2022.

UBIDE, A. J.; BALIÑO, T. JT. **The Korean Financial Crisis of 1997 - A Strategy of Financial Sector Reform**. International Monetary Fund, 1999.

WESTPHAL, L. E. Industrial Policy in an Export Propelled Economy: Lessons from South Korea's Experience. **Journal of Economic Perspectives**, vol. 4, nº 3, p. 41–59, 1990.

WOLF JR, C. W. **Economic planning in Korea**. Santa Monica: The RAND Corporation, 1962.